



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

PENSAR O GÊNERO NO BOXE PRATICADO POR MULHERES

Gustavo Andrada Bandeira

gustavoabandeira@yahoo.com.br

UFRGS

Brasil

Verónica Moreira

veromoreira175@gmail.com

Instituto Gino Germani/UBA

Argentina



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Sendo uma arena de construção de gênero, o esporte moderno, como a ampla maioria das esferas da cultura, coloca a masculinidade heterossexual como referência, ocupando o lugar da norma. Neste trabalho, a partir da incursão etnográfica em uma luta de boxe praticado por mulheres buscando a unificação de três títulos mundiais, nos propomos a problematizar a construção de gênero nessa prática esportiva específica. Ao invés de entendermos a identidade generificada como uma descrição, trabalhamos com o conceito de performatividade que a entende como um “tornar-se”. Um enunciado performativo faz acontecer. A partir de uma performance repetida, é possível ler o gênero como um ato, como uma re-experimentação de significados. Partindo do pressuposto de que o boxe é um esporte historicamente vinculada ao masculino, como podemos observar essa prática de alto nível competitivo realizada por mulheres. O boxe nesse nível, e talvez em outros, poderia ser pensado como feminino? A qualidade do enfrentamento diminui a importância de que o combate seja realizado por mulheres? Além da associação ao masculino, o boxe é uma prática vinculada a representações ligadas ao popular, o que produz, também, expectativas específicas de gênero. Essa associação com o popular produz uma expectativa de que as ações seriam mais brutas, grosseiras ou menos refinadas dentro de uma visão bastante enviesada por uma lógica preconceituosa, dominante nas classes médias. Como a torcida participa dessa disputa, quem acompanha, o que se grita? É possível verificar diferenças significativas sobre a participação da torcida quando o enfrentamento acontece entre homens? Pensando no gênero como uma performatividade o enfrentamento teria, necessariamente, que colocar o enfrentamento a partir de uma performatividade binária de gênero ou poderíamos pensar em um gênero da prática esportiva? Conseguimos visualizar ao invés de uma prática masculina ou feminina, uma prática de boxe?

ABSTRACT

Being a gender-building arena, modern sport, like the vast majority of culture spheres, places heterosexual masculinity as a benchmark, taking the place of the norm. In this work, from the ethnographic incursion in a boxing match practiced by women seeking the unification of three



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

world titles, we propose to problematize the construction of gender in this specific sport practice. Rather than understanding gendered identity as a description, we work with the concept of performativity that understands it as a "becoming." A performative statement makes it happen. From a repeated performance, it is possible to read the genre as an act, as a re-experimentation of meanings. Based on the assumption that boxing is a sport historically linked to the masculine, how can we observe this high competitive level of practice performed by women. Could boxing at this level, and perhaps others, be thought of as feminine? Does the quality of the confrontation lessen the importance of combat being carried out by women? Besides the association with the masculine, boxing is a practice bonded to representations linked to the popular one, which also produces specific expectations of gender. This association with the popular produces an expectation that actions would be more brutal, grosser, or less refined within a view that is quite skewed by a preconceived logic, dominant in the middle classes. How does the crowd participate in this dispute, who watches, what is shouted? Is it possible to verify significant differences in the participation of the fans when the confrontation happens between men? Thinking about gender as a performativity, would confrontation necessarily have to put the confrontation from a binary gender performativity or could we think of a sports practice gender? Can we visualize, instead of a male or female practice, a boxing practice?

Palabras clave

boxe; gênero; representação

Keywords

boxing; gender; representation



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

O boxe é uma disciplina esportiva que gerava bastante curiosidade em um integrante desta equipe. Algumas perguntas apontavam para algumas inquietações. Por que as pessoas escolhem um esporte de combate em que se batem nas pessoas para causar dor com os punhos? Por que escolher um esporte em que os golpes produzem lesões no rosto e dor aguda no corpo? Por que as mulheres praticam esse esporte? Como elas haviam feito para participar desse esporte?

O boxe é um esporte muito importante na Argentina. Até a presente data é a modalidade olímpica que mais levou medalhas ao país. A tentativa de mapear algumas aprendizagens colocando o corpo para treinar boxe vem sendo levada a cabo contemporaneamente em uma investigação¹. A prática do esporte foi e é utilizada como estratégia para compreender as características e sutilezas da disciplina. A metodologia foi fundamental para a inscrição e a prática em um ginásio de boxe para conhecer (incorporar) as regras, as táticas e as técnicas do esporte. A observação participante, com seu alto nível de envolvimento no campo, não somente concedeu uma linguagem específica a partir da qual também compreendíamos a prática, mas também funcionou como um recurso para interagir com xs companheirxs, pessoas ligadas ao boxe, boxeadorxs amadores e profissionais. Serviu como um recurso para interpretar as crônicas de um jornal, uma transmissão noturna pela televisão ou um festival de maneira direta.

Dentro do treinamento em uma academia no bairro de Chacarita, é possível ver como as relações de gênero são inicialmente marcadas. Durante os treinamentos de ‘trocas de luvas’², os homens suavizam os golpes e controlam sua força quando os praticam com mulheres. Nos comentários, as mulheres são associadas a lugares um tanto fixos como namoradas, esposas ou mães o que reforça, também, a heteronormatividade do contexto, mesmo que de maneira diluída.

¹ Nesse momento, no Instituto de Investigações Gino Germani, da Universidade de Buenos Aires, sob coordenação da Dr^a. Verónica Moreira está sendo realizada a pesquisa *Deporte, cuerpo y técnicas corporales: etnografía sobre crossfit, running y boxeo en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires*.

² Utilizamos aspas simples no texto quando procuramos fazer algum destaque ou utilizar as palavras com outros sentidos que não os convencionais; o uso de aspas duplas aparece quando utilizo citações, palavras e/ou expressões de outros autores.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Com a prática, um olhar sobre a participação das mulheres foi colocada em questão. As mulheres participam dos treinamentos tal qual os homens de acordo com seu compromisso com o esporte. Curiosidades dessa ordem nos levaram a construção deste trabalho. Sendo uma arena de construção de gênero, o esporte moderno, como a ampla maioria das esferas da cultura, coloca a masculinidade heterossexual como referência, ocupando o lugar da norma. Neste trabalho, a partir da incursão etnográfica em uma luta de boxe praticado por mulheres, buscando a unificação de três títulos mundiais, nos propomos a problematizar a construção de gênero nessa prática esportiva específica. Partindo do pressuposto de que o boxe é um esporte historicamente vinculada ao masculino, como podemos observar essa prática de alto nível competitivo realizada por mulheres.

O boxe nesse nível, e talvez em outros, poderia ser pensado como masculino ou feminino? A qualidade do enfrentamento diminui a importância de que o combate seja realizado por mulheres? Além da associação ao masculino, o boxe é uma prática vinculada a representações ligadas ao popular, o que produz, também, expectativas específicas de gênero. Essa associação com o popular produz uma expectativa de que as ações seriam mais brutas, grosseiras ou menos refinadas dentro de uma visão bastante atravessada por uma lógica preconceituosa, dominante nas classes médias. Em alguma medida, existe uma lógica da participação do público vinculada aos torcedores de futebol como uma polarização entre grupos. Nesse contexto, como a torcida participa dessa disputa, quem acompanha, o que se grita? É possível verificar diferenças significativas sobre a participação da torcida quando o enfrentamento acontece entre homens? Pensando no gênero como uma performatividade o enfrentamento teria, necessariamente, que colocar o enfrentamento a partir de uma performatividade binária de gênero ou poderíamos pensar em um gênero da prática esportiva? Conseguimos visualizar ao invés de uma prática masculina ou feminina, uma prática de boxe?

II. Gênero e Esporte

Os esportes trabalham fortemente na circulação e na produção de valores e de representações de gênero. Assim como a maioria das esferas daquilo que poderíamos chamar de ‘nossa cultura’, os esportes valorizam as características socialmente associadas ao masculino. Eles,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

os esportes, podem ser lidos como uma das instituições generificadas e androcêntricas de nossa cultura.

(...) o esporte, como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador. Ou seja, seu acontecer está perpassado pela (re)produção de masculinidades e feminilidades, e estes marcadores identitários não são neutros nem universais. Ao contrário: constroem-se cotidianamente considerando as representações culturais a eles associados. São também produzidos por meio de processos de aprendizagem que se fazem presentes nos discursos médicos, familiares, religiosos, pedagógicos, jurídicos e, ainda, naqueles que circulam em diferentes outros meios de comunicação (MÜHLEN; GOELLNER, 2012, p. 167).

Nas práticas torcedoras, conseguimos visualizar alguns desses modos de produção e circulação de representações de gênero. O mesmo processo acontece também nos meios de comunicação. Se levarmos em conta a quantidade de notícias dedicadas aos esportes, a maioria da cobertura jornalística trata sobre homens que fazem esportes. As mulheres estão subordinadas conforme os regimes de visibilidade e noticiabilidade androcêntricos que se referem a lógica com que se regem os meios. Em ambos contextos, as masculinidades são as protagonistas nessas representações.

Esse ‘androcentrismo’ se mantém quando pensamos nos públicos dos esportes. Os torcedores de futebol ocupam protagonismo quando pensamos nas diferentes práticas torcedoras. O público de futebol, especialmente nos estádios, é predominantemente masculino. Mesmo que seja possível afirmar que o número de mulheres venha aumentando nos últimos anos, não podemos tomar esse aumento como uma imediata alteração nas construções generificadas que acontecem neste contexto cultural específico. Investigando torcidas de futebol na Argentina, Verónica Moreira aponta que “muchas son las mujeres que asisten a la cancha para ver y alentar a su equipo, pero los estilos de participación se subordinan a las manifestaciones culturales netamente masculinas” (2005, p. 99). Isso não significa constituir o contexto das torcidas esportivas como exclusivamente masculino. Em alguma medida, tanto os corpos normativamente representados como masculinos, quanto aqueles representados como femininos, estariam envolvidos nessa produção de masculinidades. Um dos conteúdos que se disputam nessas práticas torcedoras é a masculinidade. O mesmo parece não ocorrer com as feminilidades.

Talvez seja possível afirmar que, ao contrário da importância que as práticas esportivas tiveram para com a constituição das masculinidades, a participação das mulheres nos esportes não se constituiu em elemento importante para a construção de uma feminilidade hegemônica (SILVEIRA; STIGGER, 2013, p. 180).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em nossa cultura, gênero é um elemento definidor de inteligibilidade: “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (BUTLER, 2003, p. 27). Gênero é um processo sem origem nem final, mas que se constrói em ato, ou melhor dito, em uma sequência de atos que está sempre ocorrendo. Segundo Judith Butler, as identidades de gênero e de sexualidade são performativas, “o gênero é sempre um feito, (...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída” (2003, p. 48). Com isso, podemos entender que a identidade generificada necessita de uma constante reiteração, o que exige que se efetuem e se repitam atos com significação social, e nessa repetição, esse mesmo significado pode ser legitimado (PELLER, 2011). Com isso, ser homem ou ser mulher é algo que ‘fazemos’ e não algo que ‘somos’. O gênero, nessa perspectiva, “não é nem a expressão de uma essência interna, nem mesmo um simples artefato de uma construção social. O sujeito gendrado seria, antes, o resultado de repetições constitutivas que impõem efeitos substancializantes” (ARÁN; PEIXOTO JÚNIOR, 2007, p. 133). Nesse sentido, gênero é muito mais um verbo do que um substantivo. Neste trabalho, a construção generificada deve ser entendida como

(...) um processo contínuo de repetições que, ao mesmo tempo, anula a si mesmo (pois mostra a necessidade de repetir-se para substituir) e aprofunda suas regras. (...) assumir um gênero não é algo que, uma vez feito, estabiliza-se. Ao contrário, estamos diante de uma inscrição que deve ser continuamente repetida e reafirmada, como se estivesse, a qualquer momento, a ponto de produzir efeitos inesperados, sair dos trilhos (SAFATLE, 2015, p. 189).

O conceito de gênero com o qual trabalhamos está ancorado nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais (LOURO, 2004, MEYER, 2003). Nessa perspectiva, gênero não pode ser reduzido a qualquer aspecto essencialista, seja ele biológico ou cultural, “a diferença entre os sexos não constitui um atributo dos indivíduos, mas uma informação construída e concretizada sempre na relação com os outros” (BORRILLO, 2010, p. 75). Judith Butler (2009) argumenta que nem o gênero e nem a sexualidade são elementos que possuímos. Esses conceitos seriam mais bem entendidos como “um modo de despossessão”, sempre em uma relação com o outro. “O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (Idem, 2003, p. 37). Os gêneros estão imbricados em processos pedagógicos que utilizam diferentes estratégias metodológicas, dentre as quais a reiteração e a repetição de práticas construídas, como culturalmente adequadas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O conceito de gênero, na perspectiva dos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e dos Estudos Culturais, aponta para quatro desdobramentos importantes (MEYER, 2003). O primeiro destaca a permanente construção dos sujeitos de gênero. Essa construção não é um processo linear ou evolutivo de causa e efeito. Nenhuma ‘garantia’ de masculinidade ou feminilidade poderá ser obtida em qualquer local da cultura. “O gênero não acontece de uma vez por todas quando nascemos, mas é uma sequência de atos repetidos que se enrijece até adquirir a aparência de algo que esteve ali o tempo todo” (SALIH, 2012, p. 94). Aprendemos, em diferentes instituições e artefatos culturais, formas adequadas de ‘exercer’ um gênero. Essas aprendizagens acontecem ao longo de nossas vidas.

O segundo desdobramento do conceito demonstra a diversidade de masculinidades e feminilidades variando em diferentes tempos e espaços e dentro de uma mesma cultura. O conceito tem sua potência catalisada quando associado a outros marcadores sociais, como classe social, religião, raça/etnia, nacionalidade... (MEYER, 2003). A relação entre os sujeitos de gênero é a terceira implicação do conceito. As construções de masculinidades possuem nas feminilidades o seu oposto, seu limite, sua fronteira. Pensar nas masculinidades de forma isolada não tende a ser muito produtivo. Mesmo que em determinados contextos exista uma preponderância de exigências e expectativas sobre comportamentos masculinos ou femininos, a principal fronteira nessas construções, da forma como nossa cultura se organiza, nesse momento, segue sendo o ‘polo oposto’ de gênero. Esse binarismo é uma relação infinita, com fronteiras movediças. Ele ajuda a construir uma ficção de estabilidade que é reiteradamente afirmada para provocar uma suposta permanência.

A última implicação do conceito de gênero nos mostra como as diferentes instituições sociais são atravessadas por pressupostos de masculinidade e de feminilidade. Elas são produzidas por pressupostos de gênero ao mesmo tempo em que participam das produções de gênero (MEYER, 2003). Elas participam dos processos de apropriação, circulação e redefinição de um conjunto de discursos, valores e práticas em que a heterossexualidade se coloca como a única expressão sexual e de gênero legítimas (PRADO, 2010). Assim, “sexo e gênero são efeitos – e não causas – de instituições, discursos e práticas” (SALIH, 2012, p. 21). Não existe um sujeito soberano e anterior que produza esses elementos a partir de concepções prévias: “nós, como sujeitos, não criamos ou



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero” (Ibidem). Dagmar Meyer ainda sugere dois esforços analíticos e políticos ao entendermos o gênero como construção social, plural e relacional, que organiza o social e a cultura.

O primeiro implica aceitar o desafio de desconstruir a oposição binária masculino/feminino que, de forma simples e linear, posiciona o homem como dominador e a mulher como dominada. Isto porque essa oposição, dentre outras coisas, dificulta a visibilização e a compreensão de que: processos de diferenciação e hierarquização de gênero e sexualidade não incidem da mesma forma sobre todas as mulheres e sobre todos os homens; que eles podem materializar-se como relações de violência também entre mulheres e entre homens; e, sobretudo, que eles podem resultar da incorporação e da (re)produção de representações naturalizadas de gênero e de sexualidade nos conhecimentos científicos, nas instituições, nos códigos morais e jurídicos, nas políticas e nos programas públicos etc. O segundo esforço supõe o deslocamento de abordagens que focalizam apenas um dos termos dessa oposição, para dar-nos conta de que o mesmo movimento que “naturaliza” a subordinação como um atributo do feminino a ser modificado, define a dominação como uma característica intrínseca do masculino que não seria modificável (2009, p. 229).

Podemos caracterizar o que comumente chamamos de ‘nossa cultura’ como heteronormativa. A heteronormatividade atua como um amplo sistema de relações de poder vinculadas a práticas e a instituições que colocam a heterossexualidade como a norma cultural hegemônica. Ela acaba por construir e manter uma ‘superioridade’ ou ‘privilégios’ aos sujeitos identificados com a heterossexualidade: “o binário hetero/homossexualidade não se trata de verdadeira oposição, é, antes, um único sistema interdependente que tem por objetivo reinscrever incessantemente uma hierarquia que privilegia e reitera a ordem heterossexual” (MISKOLCI, 2009, p. 331-332). Guacira Louro lembra que para que as posições hierarquizadas apareçam é necessário um investimento repetitivo e continuado.

Para garantir o privilégio da heterossexualidade – seu status de normalidade e, o que é ainda mais forte, seu caráter de naturalidade são engendradas múltiplas estratégias nas mais distintas instâncias (na família, na escola, na igreja, na medicina, na mídia, na lei). Através de estratégias e táticas aparentes ou sutis reafirma-se o princípio de que os seres humanos nascem como macho ou fêmea e que seu sexo – definido sem hesitação em uma destas duas categorias – vai indicar um de dois gêneros possíveis – masculino ou feminino – e conduzirá a uma única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito de sexo/gênero oposto ao seu (2009b, p. 89).

O processo continuado de reiteração da heterossexualidade acaba sendo naturalizado e invisibilizado “exatamente porque é empreendido de forma continuada e constante (muitas vezes, sutil) pelas mais diversas instâncias sociais” (LOURO, 2009b, p. 90). A problematização da



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

heteronormatividade é recente, uma vez que ela “só vem a ser reconhecida como (...) algo que é fabricado, produzido, reiterado, e somente passa a ser problematizado a partir da ação de intelectuais ligados aos estudos de sexualidade, especialmente aos estudos gays e lésbicos e à teoria queer” (Ibidem). Uma importante estratégia nessa construção normativa é a naturalização dos processos que abarca, negando sua construção sócio-histórica. “A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (MISKOLCI, 2009, p. 332). Caso a heterossexualidade fosse dada ao nascer de modo natural, seriam dispensáveis os grandes esforços e empreendimentos para que essa ‘condição natural’ fosse assegurada. Porém, “a norma precisa ser reiterada constantemente. Não há nenhuma garantia de que a heterossexualidade aconteça naturalmente” (LOURO, 2009b, p. 90). Esses grandes esforços e empreendimentos de reiteração podem ser lidos enquanto pedagogias e constituintes de um currículo de gênero desejável.

Essa necessidade incessante de reiteração da heterossexualidade é o que poderia criar determinadas condições para o aparecimento de formas de resistência. “No processo repetido, continuado e sempre inconcluso de produzir os gêneros é que ocorrem os deslizamentos, as desarmonias e desarranjos. A repetição incessante das normas permite e incita, ao mesmo tempo, sua resistência” (LOURO, 2009a, p. 140). Segundo Butler, “toda vez que a lei é reiterada, há uma refundação e uma reinstuição” (2012, p. 23).

III. A luta

Na sexta-feira, 4 de novembro de 2016, se enfrentaram no ginásio da Federação Argentina de Boxe as, então, campeãs mundiais na categoria super leveiro Celeste “La Bestia” Peralta e Ana Laura “La Monita” Esteves. O combate marcaria a unificação dos títulos da Federação Internacional de Boxe, Organização Mundial de Boxe e Associação Mundial de Boxe. A luta entre mulheres foi a última de um cartel de seis enfrentamentos naquela noite na Federação. Se por um lado é interessante pensar em uma luta entre mulheres fechando a noite como principal atração, após cinco disputas entre homens, também não é possível ignorar que a única luta entre mulheres foi a da unificação dos três títulos mundiais.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Sem muita experiência em assistir esportes de combate, não procuramos visualizar as diferenças técnicas da luta praticada por homens da luta praticada pelas mulheres. O nível das campeãs mundiais era bastante alto o que nos permitiu interpretar que essa foi a luta mais interessante da noite. A mobilização dos torcedores foi mais intensa na luta que valia o título mundial, o que não nos autorizou a fazer maiores inferências, uma vez que a luta poderia ter mobilizado mais o público por ser entre mulheres ou pela qualidade esperada em um confronto de nível tão elevado.

Para além do desconhecimento da precisão estética do enfrentamento, assistir esportes de combate nos deslocam em relação ao conforto ou desconforto em relação ao entendimento de violência. Com Norbert Elias (1992) pensamos que a maioria dos esportes carrega fatores de competitividade que incluem força corporal ou destrezas não militares. As regras servem para que os competidores tenham o menor risco de dano físico possível. A esportivização dos passatempos foi realizada pela sociedade inglesa e exportada para todo o mundo dentro do esforço civilizador europeu. O surgimento do esporte como uma “forma de luta física não violenta” se desenvolveu dentro de uma sociedade em que se apaziguaram os ciclos de violência. Ao assistir os combates, mesmo reconhecendo essas inscrições e vislumbrando que as atletas envolvidas tenham grande capacidade física, diferentes movimentos, talvez mais especialmente os socos cruzados nos fizeram revirar os olhos em algumas oportunidades. Essa ação aconteceu tanto na luta entre as mulheres como nas lutas entre os homens. Em alguma medida um soco cruzado no rosto parece incapaz de ser adjetivado como masculino ou feminino.

Além do ginásio da Federação, também assistimos a transmissão televisiva do combate. Durante a transmissão da luta pelo canal TyC Sports³ foi possível observar algumas expressões que marcavam a naturalização do esporte como vinculado ao masculino ou, no mínimo, visualizamos como algumas impressões mostravam que algumas práticas pareciam fora de lugar. Ana Laura “La Monita” Esteche foi apontada como agressiva. Em alguma medida esse adjetivo pode parecer redundante quando pensamos em um esporte de combate ao mesmo tempo em que parece fazer sentido para descrever uma mulher nesse contexto. Tanto o narrador como o comentarista estavam

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fIcGoBRaK-M>. Acesso em 28/11/2017, às 17h02.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

empolgados com o que eles chamaram de luta quente, boxe de primeira e grande luta. Para o narrador, aquela era a melhor luta do ano. Em seguida ele reforçou que era a melhor luta de boxe feminino do ano. A equipe de transmissão reclamou do tempo dos assaltos de dois minutos no boxe de mulheres destacando que com brevidade as mulheres passariam a lutar com assaltos de três minutos. Celeste “La Bestia” Peralta foi exaltada por ter mandado o “livrinho do bom boxe” as favas e encarado a luta de frente. O narrador encerrou a transmissão apontando que havia presenciado uma épica luta, de longe a melhor luta de boxe entre mulheres desde que o esporte havia sido inventado. A luta foi bastante admirada ao longo da transmissão. Ao mesmo tempo, a identidade de gênero das atletas foi constantemente reforçada.

IV. A torcida

Antes do início da luta, o narrador do ginásio solicitou que o público não utilizasse flashes para filmar ou fotografar o combate. Esse recurso poderia atrapalhar a visão das lutadoras. Ele também solicitou, por medida de segurança, que ninguém subisse nas grades. O locutor finalizou afirmando que a segurança era muito importante para este espetáculo familiar. Em investigação sobre a elitização dos estádios de futebol no Brasil (BANDEIRA, 2017), foi possível visualizar como a família era pensada como uma oposição ao comportamento representado como popular nos estádios de futebol, especialmente vinculados aos homens e as torcidas organizadas. Nos permitimos interpretar que existe uma associação, especialmente ligada à masculinidade com certa estética representada como popular. Essa representação funciona como marca distintiva deste espaço. Sírio Possenti (2013) aponta que se entende o popular como mais direto, um tanto mais realista, uma vez que suas aprendizagens viriam mais da “vida” que dos livros. Dentro dessa lógica, o mundo do “povo” seria mais verdadeiro porque sem retoques.

Durante a luta, a torcida parecia não se importar com o sexo/gênero das competidoras. Os gritos de incentivo como o “pegue” foram constantes. Foi possível observar uma variedade etária bastante elevada, incluindo famílias de três gerações. O público parecia bastante associado ao bairro onde as campeãs treinavam. Os torcedores gritavam ‘orientando’ as atletas. Os golpes na linha da cintura eram bastante indicados. Como não existia uma clara separação entre as torcidas das duas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

atletas foi possível acompanhar uma série de pequenas provocações. Uma mulher jovem gritou no ouvido de uma criança que, assustada, preferiu trocar de lugar. Um senhor era o que parecia mais interessado em realizar provocações. Ao final da luta, antes da divulgação do resultado ele foi explicar para os que estavam ‘sofrendo’ suas provocações de que aquilo não passava de brincadeira do momento da luta.

Mesmo que em nenhum momento a torcida tenha pedido que as lutadoras dessem golpes como homens ou tenham as desqualificado por ações que remetessem ao feminino, muito comum nas práticas das torcidas de futebol, em diferentes oportunidades o gênero esteve em questão. Ao escutar os pedidos de golpe na cintura, um senhor retrucou que a cintura era aquilo que as lutadoras não teriam, marcando no corpo um pertencimento a uma estética bastante específica de gênero. Para a lutadora “La Monita” se ofereceu bananas em um jocosos duplo sentido na fruta preferida do animal que lhe dava o apelido com o símbolo fálico representado pela mesma fruta.

V. Algumas pistas

Iniciamos o texto com algumas inquietações colocando em questão a possibilidade de pensar em uma prática esportiva para além do sexo/gênero de seus atletas. Seria possível pensar em certo gênero boxe, tomando os conceitos de performatividade? O que muda, se é que muda em um esporte específico se a prática for realizada por homens ou por mulheres?

A própria concepção do esporte carrega, historicamente, essa hierarquização entre os sexos/gêneros que valoriza elementos associados aos homens e à masculinidade. Georges Vigarello recorda que nos princípios do século XX,

(...) os ideólogos do esporte, em particular, multiplicam os argumentos que promovem a perfeição masculina: tanto o vigor como sua aplicação monitorada, tanto o “músculo” como sua “utilização” moral, a exemplificação dos confrontos, a “luta” de homens valorizados, legitimados por um universo de árbitros e de regulamentos. Assim, uma qualidade se impõe no âmagos da excelência, ou seja, a virilidade (2013, p. 270).

O mesmo autor destaca que a virilidade perderia seu protagonismo quando, a partir da presença das mulheres no esporte, os mesmos atributos como força, coragem e determinação seriam valorizados e exigidos, também, para elas (VIGARELLO, 2013). A afirmação do autor nos permite fazer pequenos apontamentos sobre o conceito de gênero. Em primeiro lugar, o gênero não pode ser



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pensado como colado em corpos naturalmente distintos. Eventualmente, os esportes poderiam potencializar uma discussão sobre o conceito de gênero em algumas direções. Apontamos duas possibilidades de tensionamento em direções contrárias: a) poderia existir uma exigência de performance esportiva que desconsiderasse o corpo de homens e mulheres? Ao mesmo tempo em que permanece sendo uma das áreas que realiza a maior diferenciação entre homens e mulheres (como nas competições exclusivas e/ou separadas), uma expectativa de performance idêntica poderia borrar as fronteiras de gênero?; b) as masculinidades poderiam ser tão protagonistas nas construções de representações esportivas que a expectativa de bom resultado deveria ser sempre associada às representações masculinas fazendo com que, em alguma medida, o esporte seja entendido como masculino, inclusive dispensando a necessidade dessa adjetivação? Com isso, sempre que o esporte fosse adjetivado de feminino estaríamos falando de algo hierarquicamente inferior, reforçando as fronteiras existentes?

Ao mesmo tempo que as lutadoras foram exaltadas pelos torcedores e pela transmissão esportiva por sua agressividade, por terem realizado uma luta épica e memorável, os narradores da televisão reforçavam se tratar de uma das maiores lutas de boxe “feminina” de todos os tempos. Um torcedor se sentiria autorizado a recomendar que um lutador batesse na cintura, algo que ele não tem? Uma luta épica de boxe entre dois homens precisaria ser adjetivada de masculina?

Muito mais do que concluir, deixamos essas questões e uma agenda de investigações futuras que poderiam tentar colocar a prova o conceito de gênero e sexualidade no contexto dos esportes convivendo cada vez mais com o protagonismo das mulheres com corpos que poderiam colocar modelos e representações de feminilidades em questão, além de apresentar outros modelos femininos. Não podemos esquecer, também, de outros atores que acabam por borrar ou tensionar as fronteiras de sexo/gênero tão fortemente reforçadas no âmbito dos esportes.

VI. Bibliografía

ARÁN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, jun. 2007, p. 129-147.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2017, 342 f.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, Judith. Sobre o anarquismo: uma entrevista com Judith Butler. In: *Política & Trabalho*, n. 36, abril 2012, p. 19-27.

BUTLER, Judith. *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 39-99.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora 2009a, p. 135-142.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009b, p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2004.

MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 213-233.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 9-27.

MISKOLCI, Richard. Abjeção e desejo. Afinidades e tensões entre a teoria queer e a obra de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora 2009, p. 325-338.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MOREIRA, Verónica. “El Rojo y Newell’s Old Boys, un sólo corazón”. Reciprocidad, amistad y rito de comensalidad entre las hinchadas de fútbol en Argentina. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p. 91-101.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 34, n. 1, jan./mar. 2012, p. 165-184.

PELLER, Mariela. Judith Butler y Ernesto Laclau: debates sobre la subjetividad, el psicoanálisis y la política. In: *Sexualidad, salud y sociedad*. Revista latinoamericana, n. 7, abr. 2011, p. 44-68.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Prefácio a esta edição. In: BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 7-11.

SAFATLE, Vladimir. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 173-196.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editores, 2012.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 35, n. 1, jan./mar. 2013, p. 179-194.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, p. 270, 301.